

Teoria Sociointeracionista e a Aquisição da Linguagem: Contribuições para o Desenvolvimento Humano

*Henrique Miguel de Lima Silva¹; Danielli Cristina de Lima Silva²; Eliana Pires de Almeida³;
Sayonara Abrantes de Oliveira Uchôa⁴; Symara Abrantes Albuquerque de Oliveira Cabral⁵*

Resumo: Dentre as milhares de espécies de seres vivos existentes em nosso planeta Terra a humana é, sem dúvidas, considerada cientificamente e cognitivamente como a mais desenvolvida. Embora não tenhamos sido os primeiros a habitar o planeta, fomos, devido às modificações genéticas, ambientais e culturais, os que mais se adaptaram aos diferentes contextos ao longo da história do planeta. Ao partirmos dessa assertiva, o presente artigo propõe-se a discutir sobre as principais contribuições das teorias sociointeracionistas para o processo de aquisição da linguagem em uma perspectiva sociocultural. Acredita-se que o desenvolvimento humano se dá justamente por meio dessa capacidade de representação simbólica da linguagem para as interações cotidianas. Nosso enfoque foi de base sociointeracionista e elencou o processo de desenvolvimento humano com base na história da evolução de nossas capacidades interacionais, considerando a interface entre aspectos biológicos e sociointeracionais fundamentados em (de) Tomasello (1999, 2000, 2003, 2004), Kendon (1985, 2000) Vygotsky (1978) e Cavalcante (1994, 1999, 2011).

Palavras-chave: Interação, interacionismo, desenvolvimento, linguagem.

Socio-Interactional Theory and Language Acquisition: Contributions to Human Development

Abstract: Among the thousands of species of living beings existing on our planet Earth, the human is undoubtedly considered scientifically and cognitively as the most developed. Although we were not the first to inhabit the planet, we were, due to genetic, environmental and cultural changes, the ones that most adapted to the most diverse contexts throughout the history of the planet. Based on this assertion, the present article proposes to discuss the main contributions of socio-interactional theories to the process of language acquisition in a sociocultural perspective. We believe that human development takes place precisely through this capacity for symbolic representation of language for everyday interactions. Our focus was socio-interactionist and listed the human development process based on the history of the evolution of our interactional capabilities considering the interface between biological and socio-interactional aspects, based on de Tomasello (1999, 2000, 2003, 2004), Kendon (1985, 2000) Vygotsky (1978), Cavalcante (1994, 1999, 2011).

Keyword: Interaction, interactionism, development, language

¹ Docente do Departamento de Língua Portuguesa e Linguística da UFPB/J.P. Doutor e Mestre em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba – PROLING/UFPB. Especialista em Psicopedagogia Clínica pelo CINTEP-PB. Especialista em Psicopedagogia Institucional pelo CINTEP-PB. Especialista em Linguística Aplicada ao Ensino de Língua Portuguesa pela FUNESO/UFPB. Graduado e Letras Português, Inglês e suas Literaturas pela UPE. Membro Laboratório de Aquisição da Fala e da Escrita – LAFE/CNPQ. Membro do Grupo de Estudos em Cognição e Ensino – COGNENS/CNPQ. Membro do Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba – VALPB/CNPQ. E-mail: ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1394-9173>. Email: Henrique.miguel.91@gmail.com.

² Mestra em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba – PROLING/UFPB. Pós-Graduada em Língua: Literatura, Linguagem e Linguística pelo CINTEP-PB. Graduada em Psicopedagogia pela Universidade Federal da Paraíba. Membro do Laboratório de Processamento Linguístico – LAPROL/CNPQ. E-mail:

³ Mestra em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará – PPGED/UEPA. Graduada e pós-graduada em Letras pela Universidade Federal do Pará. É Professora de Língua Portuguesa na Secretaria de Estado de Educação/PA e professora formadora/bolsista da disciplina Literatura Brasileira no PARFOR/Letras/Língua Portuguesa na UFRA - Universidade Federal Rural da Amazônia. E-mail: eliana_piresdealmeida@yahoo.com.br

⁴ Pós-doutora em ensino pela UERN. Docente do Instituto Federal da Paraíba - IFPB.

⁵ Docente da UFCG. Doutoranda em Ciências da Saúde pela Santa Casa de Misericórdia de São Paulo.

Introdução

A capacidade humana para a compreensão do outro enquanto ser co-intencional, de acordo com pressupostos de Tomasello (2003), foi e é um dos principais fatores determinantes para evolução cultural da humanidade, o que proporcionou a sobrevivência da espécie *Homo sapiens* ao longo de seu desenvolvimento. Tal capacidade, conforme o autor, emergiu a partir do momento em que o primeiro ser humano demonstrou proficiência em expressar sua intenção e esta, por sua vez, passou a ser compreendida e internalizada pelos demais membros da espécie. Mesmo que inúmeros outros animais sejam capazes dessa rica capacidade cognitiva, o ser humano é diferenciado das demais espécies por sua capacidade criativa e desenvolvimento cognitivo avançado, que o permitiu interagir sob diversas perspectivas para a realização de um bem comum à sua sobrevivência.

De tal modo, a habilidade consciente para a interação social e, por conseguinte, o seu desenvolvimento promoveu a manutenção da humanidade por meio de aprendizagens culturais e de um efeito “catraca” que, por sua vez, teve como função disseminar e internalizar para todos os seres humanos os conhecimentos fundados e surgidos a partir do outro, isto é, a partir das interações com o meio físico e com o meio social. Entretanto, tal desenvolvimento com base na interação só foi possível por meio da linguagem, compreendida pontualmente a partir dos pressupostos teórico-epistemológicos de Tomasello (1999, 2000, 2003, 2004), Kendon (1985, 2000) Vygotsky (1978), Cavalcante (1994, 1999, 2011) Faria (2011), Bakhtin (1988), Fonte (2011), Del Ré (2006) e outros, como um artefato cultural, desenvolvido por meio dos aparatos biológicos e da interação, de modo a constituir gestos, olhares, expressões faciais e produções verbais de tal modo que sua compreensão é vista como um todo indivisível.

Como se sabe, várias foram as definições de linguagem ao longo da história científica, bem como, o interesse pela linguagem desde sua aquisição até seu desenvolvimento não é algo recente. Segundo Del Ré (2006), vários métodos foram desenvolvidos antes mesmo do fazer científico para compreender como se dá o processo de aquisição da linguagem. Neste sentido, compreender como o ser humano está inserido nessa dinâmica interacional na/pela linguagem constitui-se de um questionamento antigo que despertou interesse para humanidade em diversos momentos da história e sob variadas perspectivas.

Para este estudo, considerando o universo de programas teóricos existentes a perspectiva adotada é de base interacionista. E o foco será a análise das relações interacionais como fonte para aquisição da linguagem. Todavia, isso não significa compreender que o aparato

biológico não é importante para a aquisição da linguagem; mas que somente os mesmos não dão conta desse processo eminentemente social (FARIA, 2011).

Sociointeracionismo e Aquisição da Linguagem

Desde os primórdios da humanidade, a linguagem vem sendo vista como um dos principais fatores de questionamentos do homem acerca de seu surgimento, bem como seu desenvolvimento ao longo do tempo. Vários foram os métodos utilizados no decorrer da história para estudar a gênese da linguagem. Sabe-se que durante um longo período as pesquisas voltaram-se para estudos descritivos de diários e análises de dados dos próprios filhos (DEL RÉ, 2006).

Faz-se necessário compreender que a capacidade para uma linguagem complexa, adequadamente articulada, é utilizada enquanto artefato cultural, fundamentado pelas capacidades cognitivas e pelos processos culturais de interação, constituindo a principal característica que diferencia o ser humano das demais espécies de animais. Contudo, cabe questionar como essa linguagem emerge? Quais são os fatores culturais implicados nesse desenvolvimento linguístico? Quais as características biopsicossociais contributivas para o processo de aquisição da linguagem?

É importante destacar que durante o processo de desenvolvimento humano diversas são as etapas cognitivas, fisiológicas e psicológicas, determinantes para sua constituição enquanto ser complexo e consciente. No entanto, muito ainda se discute e busca compreender-se acerca da aquisição da linguagem. No interim de tais discussões, várias foram as teorias que objetivaram explicar o desenvolvimento da capacidade para a linguagem pelo ser humano.

De acordo com Tomasello (2003) a atenção conjunta é uma das principais revoluções culturais humanas que promovem espaço para a aquisição da linguagem. Antes desse período, que ocorre entre sete e nove meses de idade, Locker (1997) acrescenta que o aparato cognitivo da criança ainda situa-se em processo de maturação, mas que o mesmo possui o dobro dos neurônios e ligações sinápticas que qualquer adulto, o que promove o rápido desenvolvimento da capacidade de interação e da aquisição da linguagem. A este respeito Kail (2003) enfatiza que o papel do outro nesse processo de aquisição da linguagem apresenta consistente relevância no intuito de oferecer uma base sólida para o desenvolvimento da linguagem.

Os estudos de Vygotsky (1978) explicitam a necessidade da interação para aquisição da linguagem, sabendo que a criança se desenvolve a partir das zonas de desenvolvimento

proximal, sempre mediados pelo outro. Neste processo interacional a mãe assume um papel fundamental para a aquisição da linguagem. É justamente ela, com base em suas produções verbais direcionadas a criança, utilizando o manêns com contornos melódicos mais agudos e que apresentam tom rítmico diferenciado, marcado por repetições, vai promovendo uma intercompreensão comunicativa dos participantes da interação e ainda oferece à criança um espaço para a construção de suas primeiras produções verbais (CAVALCANTE, 1994, 1999).

Concebemos, com base em Miranda & Name (2005), bem como e Marcuschi (2005) que a cognição é formada a partir do aparato biológico e, mais ainda, com base nas influências sociais marcadas pelos processos interativos em que a mãe e a criança encontram-se inseridos enquanto espaço físico e abstrato de ordem cultural e sócio-histórica.

Segundo Locke (1997, p. 233):

Temos que descobrir como as crianças desenvolvem as capacidades emocionais, sociais, perceptivas, motoras, neurais, cognitivas e linguísticas necessárias ao uso eficiente da linguagem. [...] durante séculos, os estudiosos têm discutido a questão de como os homínídeos desenvolveram a capacidade da linguagem falada. Durante todo este tempo, por razões desconhecidas, o equivalente ontogênico⁶ dessa pergunta nunca foi respondido. E, em grande parte, o desenvolvimento da capacidade linguística pelo bebê ainda não é reconhecido como uma área-problema pela linguística e pela psicologia.

Com base nessa relação entre linguagem e desenvolvimento humano, diversos pesquisados, ao longo da história, desenvolveram diversos aportes teórico-epistemológicos na tentativa de explicar o poder da interação. De acordo com Tomasello (2003, p. 02), no que envolve o desenvolvimento para a linguagem enquanto artefato cultural, bem como, os processos culturais que modificaram as interações humanas, desencadeando a produção de conhecimento:

Quanto à evolução, portanto, a hipótese é que os seres humanos, baseando-se diretamente na adaptação cognitiva exclusivamente primata para a compreensão das categorias relacionais externas, apenas agregaram uma pequena, mas importante peculiaridade com relação às forças mediadoras tais como causas e intenções. Parte da plausibilidade desse enredo decorre do fato de ele promover a continuidade entre adaptações cognitivas exclusivamente humanas. Ademais, minha hipótese é que, assim, com a compreensão primata das categoriais relacionais se desenvolveu primeiro no terreno social para compreender os outros agentes intencionais [...] a capacidade exclusivamente humana de compreender eventos para possibilitar que esses indivíduos previssem e explicassem o comportamento de co-específicos e depois foi transposta para lidar com o comportamento de objetos inertes (TOMASELLO, 2003, p. 32-33).

Dessa forma, essas características de compreensão dos homens enquanto co-intencionais, bem como a capacidade para resolver problemas e criar artefatos de formas diversas, bem como difundir para seus semelhantes, teria surgido como uma linha de desenvolvimento em evolução se comparada aos demais primatas. É justamente esta característica que permite ao homem adquirir a linguagem – considerando o amálgama de características inatas, bem como o desenvolvimento cognitivo com base nas interações (KAIL, 2015).

Todavia, o autor acrescenta como principal característica para o desenvolvimento humano o fato de que:

A [...] vantagem da compreensão intencional/causal decorre da sua poderosa função transformadora em processos de aprendizagem social. Ou seja, compreender o comportamento de outras pessoas como intencional e/ou mental torna diretamente possíveis certas formas de aprendizagem cultural e de sociogênese muito poderosas, e essas formas de aprendizagem social são diretamente responsáveis pelas formas especiais de herança cultural características dos seres humanos. (TOMASELLO, 2003, p. 34).

É justamente a partir dessa capacidade de compreender o outro enquanto co-intencional; ou seja; seu semelhante, suas funções, vontades e a partir disto interagir com o mesmo; num primeiro momento sendo inserido na interação a partir do outro e, com o passar do tempo, assumindo autonomia relativa nas interações até chegar num nível de autonomia total, pela qual as crianças adquirem estruturas de linguagem neste universo discursivo e dialógico (BAKHTIN, 1988).

Segundo Kail (2013, p. 76), “no recém-nascido, respostas geneticamente programadas garantem a recepção dos sinais de comunicação da espécie, e os mecanismos que permitem a comunicação são resultados de interações primitivas”. Neste período, a multimodalidade da linguagem expressa-se por meio dos olhares, dos gestos e do próprio apontar que funcionam como elos de inserção do *infans* no contexto social.

No entanto, vale ressaltar o posicionamento teórico eleito pelos autores deste artigo, diga-se de passagem, o modelo interacionista, no qual as capacidades inatas desenvolvem-se pela inserção do indivíduo no meio, no seu espaço cultural em que as interações ocorrem e a própria cognição humana se desenvolve resultando numa linguagem que comunicativa.

A partir desses pressupostos a mente passaria a ter uma formação social, em que a interação – mediada pelo outro – funciona como meio para uma co-construção do eu enquanto sujeito; de sua representação simbólica do mundo e a própria reconfiguração do pensamento, por meio das relações entre linguagem social e linguagem interior.

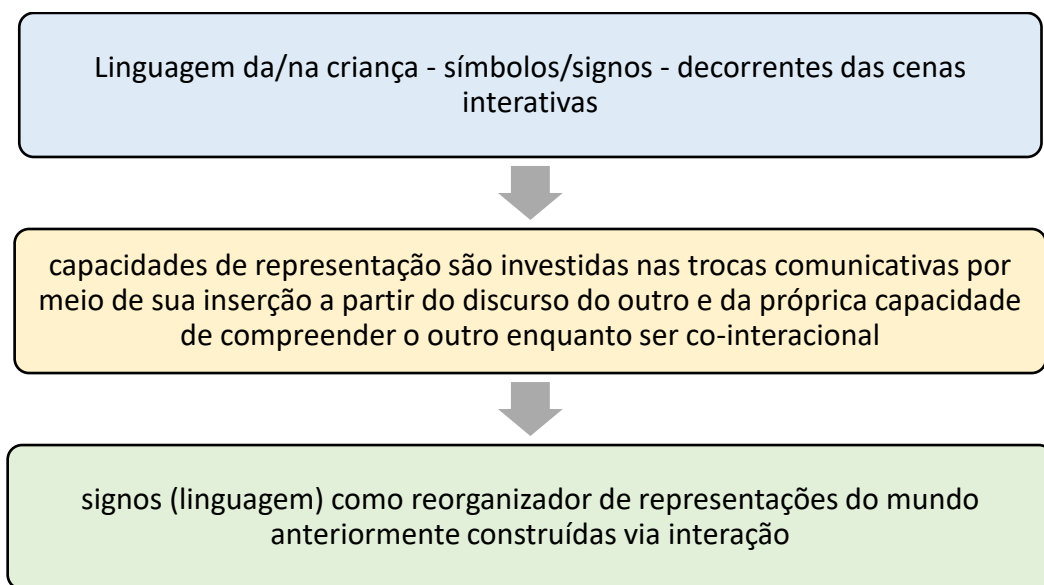
De acordo com Vygotsky (1978), a linguagem social utilizada pela mãe de incluir a criança na cena discursiva seria aquela que o indivíduo dirige durante suas interações com o meio por meio do agir. Dito de outra forma, seria uma linguagem dirigida a partir da compreensão dos sujeitos inseridos no diálogo e que seria constitutiva da evolução do próprio ser humano por ser um elo de organização do desenvolvimento.

Paralelo a isto, a linguagem interior seria o desenvolvimento da fala egocêntrica e teria o papel de re-organizar o mundo interior via simbolização; ou seja, a medida que o indivíduo interage, ele entra na cena discursiva, instaura sua visão sobre o mundo e, ao mesmo tempo, re-faz sua própria visão de mundo.

Esta concepção vygotskiana (mostra uma visão parcial entre filogênese e ontogênese) de que pensamento e linguagem – **estágio pré-verbal da linguagem e pré-intelectual da linguagem** - tem origem disjunta e que, após determinado tempo de maturação, interação e desenvolvimento, essas instâncias se fundem e, por conseguinte, tornam-se inseparáveis. O pensamento e a linguagem se desenvolvem, inicialmente, filogeneticamente, segundo linhas distintas e independentes, e que os comportamentos das espécies de animais não apresentam jamais essa forma de relação agregada entre pensamento e linguagem (VYGOTSKY, 1978).

A aquisição da linguagem seria um processo pelo qual a criança, a partir dessa capacidade de compreensão dos sujeitos como seres co-intencionais constrói seu referencial nas cenas interativas. O esquema abaixo explicita como a linguagem funciona enquanto organizador do pensamento.

Figura 1: a linguagem na organização do pensamento.



Fonte: os autores.

A reestruturação da humanidade a partir do uso da língua, está situada e contextualmente marcada nas interações sociais e na própria formação da cognição humana. Essas instâncias seriam a base para a construção do que, de fato, separa o homem dos outros tipos de animais.

As relações estabelecidas entre a linguagem e o pensamento são fundamentais para a aquisição da linguagem da criança, constituindo a base dos processos interativos da atenção conjunta na matriz dialógica. No entanto, enfatizamos que a criança, assim que nasce, ainda não é capaz de realizar este processo complexo durante os primeiros meses de vida, uma vez que as etapas anteriores ainda não foram efetuadas e que o aparato cognitivo, bem como o próprio cérebro, ainda estão em processo de desenvolvimento.

Para Tomasello (2003, p. 4-5), este desenvolvimento é decorrente de:

Um único mecanismo biológico conhecido que poderia ocasionar esse tipo de mudanças no comportamento e na cognição em tão pouco tempo. [...] esse mecanismo biológico é a transmissão social ou cultural, que funciona em escalas de tempo de magnitudes bem mais rápidas que as da evolução orgânica. Em termos gerais, a transmissão cultural é um processo evolucionário razoavelmente comum que permite que cada organismo poupe muito tempo e esforço, para não falar de riscos, na exploração do conhecimento e das habilidades já existentes dos co-específicos. Uma hipótese razoável seria, portanto, que o incrível conjunto de habilidades cognitivas e de produtos manifestado pelos homens modernos é o resultado de algum tipo de modo ou modos de transmissão cultural únicos da espécie.

A transmissão cultural é aqui entendida enquanto mecanismo específico dos primatas humanos. Esta, por sua vez, funciona como elemento desencadeador do desenvolvimento; ou seja, constitui práticas e artefatos culturais que são incorporados nas ações humanas, bem como, são transmitidas aos seus semelhantes. Este seria o principal fator para o desenvolvimento da linguagem humana, sendo ainda o fator que nos separaria dos primatas não humanos. Nessa acepção, Tomasello (2003, p. 7-8) assevera que:

Os processos de aprendizagem cultural são formas especialmente poderosas de aprendizagem social porque constituem: a) formas especialmente confiáveis de transmissão cultural (criando uma catraca cultural particularmente poderosa), e b) formas especialmente poderosas de criatividade e inventividade sociocolaborativa, ou seja, processos de sociogênese nos quais vários indivíduos criam algo juntos, algo que nenhum indivíduo poderia criar sozinho

Ao conceber estes processos como transformadores da própria cognição humana, nota-se que o efeito catraca, processo eminentemente cultural, gera artefatos que ampliam a capacidade cognitiva do sujeito, uma vez gerados a partir das interações de forma sociocolaborativa ocorre uma transformação das capacidades individuais. Ou seja, a

acumulação por meio da aprendizagem cultural promove o desenvolvimento humano pela e na linguagem. É importante compreender ainda que:

O mais importante é que a evolução cultural cumulativa garante que a ontogênese cognitiva humana ocorra num meio de artefatos e práticas sociais sempre novos que, em qualquer tempo, representam algo que reúne toda a sabedoria coletiva de todo grupo social ao longo de toda a sua histórica cultural (TOMASELLO, 2003, p. 9)

Os processos de transmissão cultural seriam, dessa maneira, a mola propulsora do desenvolvimento humano e, mais especificamente, da aquisição da linguagem pela criança. Uma vez situados dentro da dinâmica cultural a criança, vai aos poucos construindo interações face a face, ampliando suas capacidades cognitivas seguidas de atenção conjunta; com a atenção compartilhada pela díade, mãe-criança, com um objeto real e/ou virtual dentro de uma matriz dialógica em que o mesmo irá se constituir enquanto sujeito dentro da cena discursiva.

Neste sentido, é possível perceber que todo o desenvolvimento humano tem por base um amálgama entre componentes biológicos que envolvem desde às funções mais básicas como a respiração, o abrir e fechar dos olhos, até as atividades cognitivas mais complexas como, por exemplo, as relações de linguagem e pensamento. O esquema cognitivo a seguir explicita a proposta de Locke (1997) para desenvolvimento humano:

De acordo com Locke (1997), um dos principais fatores que proporcionam o processo de aquisição da linguagem em um tempo bastante reduzido está diretamente associado ao fator biológico. Sabe-se que a criança assim que nasce possui o dobro de neurônios que os adultos em estado normal, bem como uma enorme rede de conexões sinápticas que aceleram a transmissão de informações do córtex cerebral pelas demais partes do corpo humano.

Tomasello (2003) acrescenta que esse fator biológico implica diretamente sobre as ações e interações que a criança passa a fazer ao longo de seu desenvolvimento. O percurso interacional, mediado pelo outro, geralmente pela mãe, em que a criança será inserida proporcionará um crescimento em espiral por meio dos gestos, olhares e o apontar enquanto elementos constitutivos da linguagem. Isto se dá, justamente, porque o sujeito se constitui na/pela linguagem (BAKHTIN, 1988). Após seu nascimento, a criança entra num universo discursivo e é inserida a partir do outro; estas trocas comunicativas serão o principal elo de desenvolvimento para que a mesma seja capaz de compreender seus semelhantes enquanto seres co-intencionais.

Atenção Conjunta: Definições Sobre As Interações Mãe-Criança

Ao inserir a criança dentro de um universo comunicativo num momento em que a mesma ainda não o faz de forma verbal, ela passa a construir sua significação no/do espaço marcado pelo outro. Durante este face a face, a criança aprenderia as regras pragmáticas que a inserem no discurso. A criança passa a manter contatos fixo e, com o passar do tempo, prolongados durante estas interações sociodiscursivas. A este respeito, Kail (2013, p. 77), afirma que:

Os meios e os modos de comunicação ancoram-se em um repertório [...] de expressões faciais e de gestos. Essa comunicação (...) do bebê deve ser cuidadosamente analisada, se quisermos compreender a emergência da linguagem em sua dimensão partilhada de intencionalidade. No decorrer do primeiro ano, a criança se torna capaz de coordenar no interior de um mesmo ato comunicativo os comportamentos dirigidos a uma pessoa (gestos e olhares) e as ações voltadas para um objeto. É o compartilhamento da “sinalização dual”, que vai permitir à criança desempenhar algumas funções comunicativas, tais como pedir objetos ou solicitar a partilha da atenção com um objeto ou um acontecimento, o que foi teorizado em termos de “performativos elementares”: “protoimperativos”, para alcançar um objeto e “protodeclarativos”, para chamar a atenção do adulto usando um objeto. Essas situações comunicativas já desencadeadas permitirão às primeiras palavras exprimirem funções comparáveis.

Na sua argumentação acerca do tema, Locke (1997, p. 235), propõe como substancial o processo das primeiras interações via face a face ao afirmar, de forma complementar, que:

Um conjunto crucial de pistas exibidas pelas pessoas que falam inclui a estrutura visível e os padrões de movimento do rosto. O rosto humano representa um canal extremamente ativo quando os indivíduos participam de comunicações faladas face-a-face. A estrutura do rosto fornece informações indexicais, ou seja, identifica o emissor e o receptor, fornecendo, assim, a cada participante o que é possivelmente a informação mais importante na interação social. (...) a principal contribuição do rosto à comunicação é efetiva ou ilocucionária, pois ele (a) revela o estado emocional e aprovação do falante em relação a seu interlocutor; (b) reforça, aumenta ou contradiz, de forma não intencional, a mensagem nominal; (c) transmite informações sobre os aspectos do ambiente que comandam a atenção do falante; (d) assinala o desejo de dominar ou ceder; e (e) transmite através de movimentos da cabeça, piscadas, sorrisos, franzir da testa, bocejos, olhares e outras atividades as reações das duas partes às mensagens faladas.

Todas estas etapas são cruciais para o desenvolvimento da criança com base nas interações. Somente por volta do terceiro e/ou quarto mês de vida é que a criança consegue instaurar-se nas cenas discursivas por meio do face a face. De acordo com Tomasello (2003), o face a face é um momento decisivo de interação em que o *infans* passa a fixar seu olhar com seu cuidador – a mãe. Neste período, a linguagem, concebida aqui como multimodal, ou seja,

em que o olhar, o apontar, os gestos, emblemas constituem a mesma, passa a se desenvolver dentro dessa relação.

Quando, a criança começa a focalizar os seus olhos com os olhos de sua mãe dentro das cenas interativas seus balbucios se tornam mais recorrentes, bem como suas expressões faciais e gestuais formando um todo complexo em que a intersubjetividade por meio do face a face promovem uma interação. A partir do momento no qual a criança inicia o processo de interação via face a face a fixação ocular passa a ser mais intensa e, por conseguinte, as expressões faciais são mais percebidas pela mãe que, por sua vez, começa a significar linguisticamente as ações de linguagem pelo infante.

Somente por volta dos seis/setes meses de idade; período em que o *infans* já possui um terço de sua estabilização neuronal, conforme Locke (1997), é que surgem os primeiros contextos que propiciarão à atenção conjunta. A atenção conjunta se configura por meio da representação de um triângulo em que a criança interage com a mãe para chamar atenção de um objeto; a mãe interage com a criança e com o objeto e, por fim, ambos interagem com o objeto, podendo este ser virtual e/ou real. Costa Filho (2011) analisou em suas pesquisas os seguintes modelos de atenção conjunta com base em Tomasello (2003):

Quadro 1: modelos de atenção conjunta.

Tipo de Atenção Conjunta	Mecanismo	Contexto
Verificação	Ecológico	A criança direciona seu olhar através de um movimento que a permite verificar um dado objeto inserido no espaço. Não há obrigatoriamente o uso do gesto de apontar pelo adulto. A orientação espacial em direção ao objeto foco pode ser realizada unicamente por linguagem verbal num contexto em que se fala sobre tal objeto.
Acompanhamento	Geométrico	A criança projeta seu olhar para um determinado objeto foco da atenção conjunta ao acompanhar um comportamento gestual do adulto. Há a presença do gesto de apontar (segundo a tipologia de Tomasello), porém, conforme os mecanismos de Butterworth, o olhar do adulto é o direcionador da atenção da criança. Este dado reforça a hipótese de que na ausência do apontar convencional, apenas o olhar em direção a um objeto cumpre a função de levar a criança a observar o foco da atenção conjunta (COSTA FILHO, 2011).
Direta	Representacional espacial	A criança apresenta noção espacial mais madura, de modo que se torna capaz de controlar o desenvolvimento da cena de atenção conjunta. Ambos os sujeitos, adulto e criança, são responsáveis pela troca comunicativa caracterizada na cena de atenção conjunta, que combina linguagem verbal (com frequente presença de itens linguísticos dêiticos) e linguagem não verbal, representada por gestos declarativos e/ou imperativos, além do direcionamento feito através do olhar.

Fonte: COSTA FILHO, 2013, p. 5.

A partir do processo de atenção conjunta, mãe e criança compartilham sua atenção com determinando objeto, interagem entre si, compartilham olhares, expressões faciais; apontam; gesticulam, e produzem verbalmente, de variadas formas, sobre ele. Além disso, nessas interações a mãe vai oferecendo a criança os formatos de interação existentes na matriz dialógica que servirão de base para aquisição e uso proficiente dos diversos gêneros que constituem os formatos em questão (FARIA, 2011).

Conforme afirma Tomasello (2003, p. 75), essa capacidade para atenção conjunta é de extrema relevância na construção da matriz dialógica e do processo de aquisição da linguagem ao considerar que:

Os processos de sociogênese e de aprendizagem cultural têm como fundamento habilidades cognitivas básicas relativas ao espaço, a objetos, categorias, quantidades, relações sociais, comunicação e várias outras aptidões [...] os processos culturais humanos levam essas habilidades cognitivas fundamentais para nossas e surpreendentes direções – e o fazem muito rapidamente do ponto de vista evolucionário.

Ao estabelecer as primeiras cenas de atenção conjunta, a criança passa a produzir, de forma autônoma, suas primeiras significações do mundo de forma semi-autônoma; ou seja, ela já é capaz de chamar a atenção da mãe para determinadas situações discursivas e, com isto, seu conhecimento pragmático-semântico passa a se expandir em longa escala com base nos formatos de interação que a mãe dispõe desde o momento que a criança encontra-se no ventre materno; passando pelo seu nascimento; percorrendo as interações no face a face e se consolidando nas cenas de atenção conjunta. O esquema a seguir representa o modelo de atenção conjunta definido por Tomasello (2003):

Figura 2: triângulo da atenção conjunta



Fonte: ÁVILA-NOBREGA, 2010.

Nesta imagem, temos um triângulo com os lados A, B e C; em que A significa a posição da mãe (lado inferior esquerdo); B a da criança (lado direito) e C o objeto (lado superior central). Quando a criança chama a atenção da mãe, a mãe olha para a criança e em seguida para o objeto. Simultaneamente, a criança compartilha o olhar com a mãe e direciona para o mesmo objeto. Ao direcionarem seus olhares para o mesmo objeto, a mãe compreende a finalidade interativa da criança e entra em seu jogo; ou seja, a mãe participa do evento de construção compartilhada.

Entende-se, portanto, que este processo é como uma continuidade mais complexas das funções sociocognitivas partilhadas durante os meses anteriores, a criança insere-se dentro do mundo por meio das primeiras tomadas de ação dentro do discurso, isto se dá justamente porque:

A compreensão dos co-específicos como seres intencionais iguais a si próprio é uma competência cognitiva exclusivamente humana que explica, quer diretamente, por si só, ou indiretamente, através dos processos culturais, muitas das características únicas da cognição humana. Mas essa competência cognitiva não surge de uma vez por todas na ontogênese humana, passando a funcionar de maneira homogênea dali em diante. Pelo contrário, a compreensão humana dos outros como seres intencionais surge inicialmente por volta dos nove meses de idade, mas seu verdadeiro poder manifesta-se apenas gradualmente à medida que as crianças passam a utilizar ativamente as ferramentas culturais que essa compreensão lhes permite dominar, sobretudo a linguagem (TOMASELLO, 2003, p. 77).

Essa atenção compartilhada para determinado evento e/ou objeto promove uma intensificação da relação dialógica no tocante a matriz em que a mãe interage com a criança; ela compreende a mãe enquanto co-intencional; ambas interagem conjuntamente com um determinado objeto e, por fim, constroem uma interação.

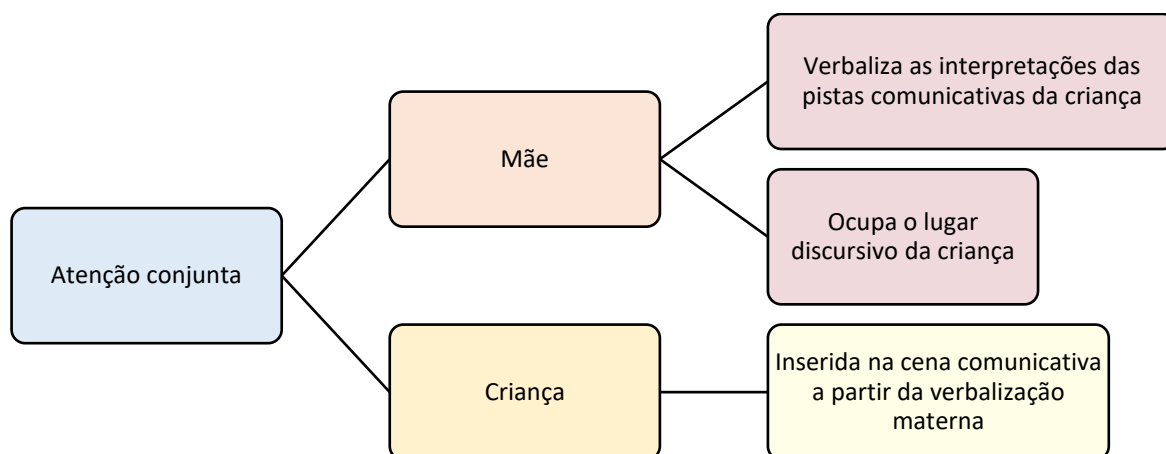
Por volta dos oito/nove meses de idade, a atenção conjunta funda a simbolização do mundo e da própria linguagem pela criança, uma vez que o mundo e a linguagem são processos, ou seja, encontram-se em constantes transformações, não possibilitando que sejam consideradas como realidades estáticas. Sendo justamente por isto que, “a língua é um sistema simbólico e não um sistema ontológico nem classificatório” (MARCUSCHI, 2005, p. 67).

Neste sentido, a atenção conjunta só assume o papel de elo constitutivo para o desenvolvimento da linguagem, sendo partilhada socialmente, sociohistoricamente contextualizada e ser concebida, ainda, como um processo gerador de processos (AGUADO, 2005). Cavalcante & Naslasvsky (2011) afirmam que estes processos constituintes da subjetividade da mãe e da criança ocorrem dentro de uma matriz interacional em que a dialogia

se constitui por meio da linguagem, compreendida a partir dos estudos de Tomasello (2003) como multimodal.

Vale ressaltar que, esta concepção multimodal e interacionista da linguagem se dá justamente a partir da compreensão de que nas cenas de atenção conjunta os envolvidos estão em constante atividade sociocognitiva, isto é, inseridos num espaço de trocas comunicativas em que as atividades realizadas pela criança são significados verbalmente pela mãe. Nessa relação existe uma co-construção das representações simbólicas dos envolvidos. O esquema abaixo explicita essa reconstrução via simbolização:

Figura 3: Reconstrução via simbolização



Fonte: os autores.

Uma vez inserida na cena discursiva pela mãe, a criança dá início aos primeiros mecanismos pragmáticos que auxiliam na aquisição da linguagem. Segundo Kail (2013), a competência pragmática seria o elo inicial para que a criança, de fato, esteja engajada na atenção conjunta e compreenda sua mãe como um ser co-intencional.

Bakhtin (1988) acrescenta que o processo interativo na/pela linguagem além de ser sócio-histórico é, sobretudo, situado. Tal percepção ressalta o caráter singular e irrepetível da aquisição da linguagem em contextos de atenção conjunta.

Além disso, ressalta-se o caráter social deste processo, efetivando aprendizagens via efeito catraca (TOMASELLO, 1999) em que os sujeitos encontram-se imersos neste universo discursivo e simbólico da/na linguagem.

Para este trabalho, em particular, a perspectiva abordada por Tomasello (2003), neste sentido, é de suma relevância para uma compreensão sócio-histórica e sociocultural dos processos que envolvem a aquisição da linguagem.

Considerações Finais

Os estudos em aquisição da linguagem são de suma relevância para compreensão do desenvolvimento humano considerando este processo enquanto determinante para construção da sociedade. Tudo que existe ao nosso redor só existe considerando a língua(gem), considerada enquanto sistema de construção simbólica dos objetos que existe no mundo.

Dessa maneira, a perspectiva adotada na presente pesquisa defende a premissa de que a linguagem constitui-se de um fenômeno sociocognitivo, desenvolvido por meio da interação social, promovendo a manutenção da humanidade por meio de aprendizagens culturais e de um efeito “catraca”, que teve como função disseminar e internalizar para todos os seres humanos os conhecimentos formados a partir do outro, isto é, a partir das interações com o meio social e com o meio físico.

Referências

AGUADO, G. **Dimensões perceptivas, sociais, funcionais e comunicativas do desenvolvimento da linguagem.** In: CHEVRIE-MULLER, C. & NARBONA, J. (org.) A linguagem da criança: aspectos normais e patológicos. Porto Alegre: Artmed, 2005.

ÁVILA NOBREGA, P.V. **Dialogia mãe-bebê: a emergência do envelope multimodal em contextos de atenção conjunta.** Dissertação de mestrado. Programa de Pós-graduação em Linguística da UFPB. João Pessoa, 2010.

ÁVILA NOBREGA, P.V.; CAVALCANTE, M.C.B. Aquisição da linguagem e dialogia mãe-bebê: o envelope multimodal em foco em contextos de atenção conjunta. **Revista investigações**, v. 25, n.2, julho, 2012.

CAVALCANTE, M. C. B. **O gesto de apontar como processo de co-construção das interações mãe-bebê.** Dissertação de Mestrado, UFPE, 1994.

CAVALCANTE, M. C. B. A tese é **Da voz à língua: a prosódia materna e o deslocamento do sujeito na fala dirigida a bebê.** Tese de doutorado inédita. UNICAMP, 1999.

CAVALCANTE, M. C. B. **O estatuto do manhês na aquisição da linguagem.** DLCV: Língua, Linguística e Literatura. v.1, n.1, 2003, 147-156.

CAVALCANTE, M. C. B. NASLAVSKY, José P. N. **A subjetividade nas interações mãe-bebê.** In: ACIOLI, M. D.; MELO, M. F. V; COSTA, M. L. G. A linguagem e suas interfaces. Olinda: Livro Rápido, 2006.

CAVALCANTE, M. C. B. Rotinas interativas mãe-bebê: constituindo gêneros do discurso. **Investigações.** Recife. Pp.153-170, 2009.

CAVALCANTE, M. C. B.; NASLAVSKY, José P. N. **A matriz inicial da subjetividade tendo como locus a dialogia do/no manhã.** In: CAVALCANTE, M. C. B.; FARIA, E. M. B.; LEITÃO, M. M. Aquisição da linguagem e processamento linguístico: perspectivas teóricas e aplicadas. João Pessoa: Editora da UFPB, 2011.

COSTA FILHO, A. S. dos. Desenho animado como habitus estético-televisual. In: **1º Congresso Internacional em Estudos da Criança – Infâncias Possíveis, Mundos Reais.** Braga: Instituto de Estudos da Criança/ Universidade do Minho, 2008.

COSTA FILHO, José Moacir Soares da. **“Olá, Pócio!” A constituição da atenção conjunta infantil com o desenho animado.** Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFPB. João Pessoa, 2011.

DEL RÉ, A. (org). **Aquisição da Linguagem: uma abordagem psicolinguística.** São Paulo: Contexto, 2006.

DEL RÉ, A.; PAULA, L.; MENDONÇA, M.C. **A Linguagem da Criança: um olhar bakhtiniano.** São Paulo: Contexto, 2014.

DEL RÉ, A.; PAULA, L.; MENDONÇA, M.C. **Explorando o Discurso da Criança.** São Paulo: Contexto, 2014.

DIONISIO, A. P. Gêneros multimodais e multiletramento. In: KARWOSKI, A.M; GAYDECZKA, B.; BRITO, K.S. (Orgs.). **Gêneros textuais:** reflexão e ensino. 3 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2008. p.119-132.

KAIL, M. **Aquisição da Linguagem.** São Paulo: Parábola, 2013.

LOCKE, J. L. Desenvolvimento da capacidade para a linguagem falada. In: FLETCHER, P. & MACWHINNEY, B. (org.) **Compêndio da linguagem da criança.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. 233-252.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1978.

TOMASELLO, M., & Todd, J. Joint attention and lexical acquisition style. **First Language**, n. 4, p. 197-212, 1984.

TOMASELLO, M. Joint attention as social cognition. In C. Moore & P. J. Dunham (Eds.), **Joint attention:** Its origins and role indevelopment (pp. 103-130). Hillsdale, N J: Lawrence Erlbaum Associates, 1995.

TOMASELLO, M. The human adaptation for culture. **Annual Reviews Anthropology**, n.28, p. 509-529, 1999.

TOMASELLO, M. Primate cognition: introduction to the issue. **Cognitive Science**, n.24, v.3, 351-361, 2000.

TOMASELLO, M. **Origens culturais do conhecimento humano**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.



Como citar este artigo (Formato ABNT):

SILVA, Henrique Miguel de Lima; SILVA, Danielli Cristina de Lima; ALMEIDA, Eliana Pires de; UCHÔA, Sayonara Abrantes de Oliveira; CABRAL, Symara Abrantes Albuquerque de Oliveira. Teoria Sociointeracionista e a Aquisição da Linguagem: Contribuições para o Desenvolvimento Humano. **Id on Line Rev.Mult.Psic.**, Julho/2020, vol.14, n.51, p. 327-342. ISSN: 1981-1179.

Recebido: 24/06/2020;

Aceito: 25/06/2020.